

Criacionismo vs. Evolucionismo: da ciência e da cultura

Hernâni L.S. Maia *

Abstract

History shows that Criationism has been distorting scientific arguments to justify their views which not resist to the progress of Science. If the reason and consciousness represents the more differentiated expressions of humankind and praises the human genius within the Creation domain, it would be inadequate to try the use of reason to deny the Reason itself. For what? To blindly defend human interpretations of sacred texts, of course limitative of the true Creator dimension. Without deny the sacred texts, but discussing its interpretation, the fact that evolutionism is getting more and more knowledge, it's turned a factor that offer's today undeniable traces to understand the world.

Provindo da velha Alexandria e reflectidas através da Civilização Islâmica, chegaram até nós as primitivas suspeitas dum mundo em evolução oriundas dos eminentes pensadores da Grécia Antiga. Primeiro rejeitadas por pagãos e depois assimiladas por S. Tomás de Aquino, as doutrinas de Aristóteles fizeram carreira na Europa para darem sinais de modernidade às universidades medievais, escolas quase sempre geradas e geridas sob a influência da Igreja Romana. No entanto, nunca é por demais lembrar que, alguns séculos mais tarde e por via do Santo Ofício, foi a mesma Igreja Romana a perseguir duramente os novos conhecimentos científicos, muitas vezes gerados no seu próprio seio e na linha dalgum do pensamento grego. Recordamos Nicolau Copérnico, que morreu antes de se ter tornado incómodo para as interpretações fundamentalistas do Antigo Testamento, Giordano Bruno, que resistiu exemplarmente a sete anos de prisão sem culpa formada para acabar na fogueira em defesa das suas convicções

racionalistas, e Galileu Galilei, que teve que abjurar, jurar, prometer e comprometer-se a abandonar as suas ideias, mas que secretamente continuou os estudos e observações que o levaram a conceber o mundo de forma diferente para nos legar um excelente exemplo de perseverança e abnegação em prol da descoberta da verdade científica. Caldeado pela mesma altura por Francisco Sanches e René Descartes com os desafios da experimentação, o pensamento grego veio a resistir à prova do método experimental para nascer de novo lado a lado com o surgimento do pensamento científico que nos trouxe até ao séc. XXI. À medida que foram ganhando corpo com Descartes, Buffon, Lamarck e Darwin, os conceitos evolucionistas ganharam também contraditores nas doutrinas criacionistas de enraizamento dualista, quase sempre ligadas no Ocidente às religiões de origem cristã e reflectindo ainda, embora de forma quiçá mais civilizada, os fantasmas da Inquisição.

Se o Renascimento abriu na Europa o caminho de livre acesso ao conhecimento científico, a Revolução Industrial abriu, em todo o mundo e para benefício da Humanidade, o caminho de utilização prática desse mesmo conhecimento. A seguir à produção artesanal de ferramentas para a ciência, iniciada séculos antes muito provavelmente com as lunetas de Galileu e depois com os 'microscópios' de Leeuwenhoek, também a produção industrial veio a dar resposta ao sempre crescente interesse pela experimentação, colocando no mercado novos e aperfeiçoados instrumentos destinados à actividade científica. Como consequência, começou-se a assistir à potenciação recíproca da Ciência e da Tecnologia, resultando, por um lado, no crescimento exponencial e sempre mais rápido do conhecimento do mundo em que vivemos e, por outro, no desenvolvimento igualmente crescente das aplicações tecnológicas da ciência para uso no nosso quotidiano. E o mundo em que vivemos foi-se tornando irreconhecível em todos os seus aspectos e mesmo nós próprios frequentemente nos interrogaremos sobre que identidade é a nossa neste universo cada dia diferente em novos usos que alteram costumes. Mas, se naturalmente seleccionamos as ofertas tecnológicas com que o mercado nos desafia para benefício do conforto, ofertas muitas vezes irrecusáveis, o desejado bem vem quase sempre associado a algum mal que é necessário aprender a evitar. E nem sempre tem havido tempo para aprendermos e nos precavermos, o que tem conduzido a um estado de crise crescente. Não é necessário ser-se velho no Restelo para se reconhecer que a Humanidade atravessa uma profunda crise causada pela vertiginosa modificação dos seus usos. Se a globalização

* Departamento de Química da Universidade do Minho; Email: h.maia@netcabo.pt

trazida pelos progressos da Ciência e da Tecnologia criou enormes benefícios, não é sem perplexidade que enfrentamos o quanto se tem de aprender para se ser capaz de lidar com as novas formas de viver, de se superar o dia a dia sem dor e sem atropelos à nossa consciência de cidadãos. A velocidade a que se é impelido a gastar (e desgastar) as nossas vidas cria formas de competição desenfreada, a fuga para a frente, e onde com facilidade se cai na ignorância da ética e da própria decência para engendrar um mundo de sucessivos atropelos em que dificilmente se pode navegar sem sofrimento.

A escola tem também enveredado por formas de competição desenfreada em que, em vez do verdadeiro saber, se aprende, ensina e valoriza apenas técnicas, muitas vezes abstractamente desprovidas de sentido. Ou, então, tem caído numa espécie de modorra desmotivadora cujos frutos começam a surgir em catadupa e se concretizam no abandono das vocações para as ciências, o que é um paradoxo neste mundo de ciência e de tecnologia. Com efeito, é reconhecido a nível mundial, principalmente entre os países desenvolvidos, que as vocações para as ciências tradicionais estão a escassear, o que é demonstrado pela diminuição do número de candidatos aos cursos superiores nas áreas das tecnologias e das ciências experimentais, em comparação com o número daqueles que acorrem aos cursos oferecidos nas áreas das humanidades e das ciências não experimentais. O *status quo* instalado nas escolas veio a traduzir-se a médio e a longo prazo numa deficiente cultura científica da população, que atinge tanto pais como professores, tornando-os ineficazes ou até incapazes de cumprir a importante função de incentivarem motivações e vocações entre os seus filhos e alunos. Pior ainda, às vezes são eles próprios agentes activos no desvio dos jovens para domínios do conhecimento e carreiras profissionais desajustadas do seu tempo e até das realidades do mercado de emprego. E fica assim aberto caminho à competição dos 'media' com a escola. De facto, cada avanço significativo da ciência ou da tecnologia constitui frequentemente motivo para notícias, notícias que poderão gerar perguntas no espírito dos jovens a que pais e professores quase sempre não sabem dar resposta e cuja ignorância constitui mais uma causa para a referida desmotivação. Acresce que, enquanto os conhecimentos obtidos nos 'media' são bem apresentados e bem ilustrados e quase sempre de fácil e cómodo acesso, frequentemente os programas, as aulas e os manuais escolares são pouco atraentes, por serem ou abusivamente abstractos ou demasiado áridos, afastando-se das

realidades com que os estudantes estão familiarizados. Será que isto nos conduz a um processo auto-regulador em que a desmotivação para as profissões em ciência irá traduzir-se num recuo ou num abrandamento do cientismo, do tecnicismo e da velocidade com que o nosso meio se transforma? Não cremos. A História mostra que o avanço do conhecimento é imparável, como é imparável a corrida pelo conforto e pelas conveniências e facilidades oferecidos pelo avanço da tecnologia. Então, um tal escassez de vocações irá resultar na falta de técnicos qualificados em número suficiente e, conseqüentemente, resultará também em incompetência, em má utilização e em acidentes que poderão atingir a dimensão global, em última instância em catástrofes como aquela sofrida em Chernobyl.

Tradicionalmente as religiões prometem o bem estar, também com as consciências, e a salvação em troca de comportamentos alinhados com princípios morais e éticos previamente definidos por leitura de textos sagrados. Mas os textos sagrados foram escritos em e para sociedades agrárias que desde há muito não existem, sociedades que em muito pouco poderiam parecer-se com as sociedades urbanas do século XXI. Textos escritos numa linguagem quase sempre estranha, parabólica, hermética e às vezes mesmo cifrada, susceptível de variadas interpretações, em particular se se pretender extrapolar o seu conteúdo para os tempos actuais. Infelizmente assiste-se a um quase total distanciamento e até alheamento das várias igrejas do contexto dos problemas com que nos deparamos, em virtude das sérias mudanças operadas no mundo actual pela alteração rápida dos costumes. As atitudes tradicionalmente conservadoras das Igrejas, longe de contribuírem para o bem estar da Humanidade, mais concorrem para o seu desajustamento e afastamento do mundo real em que vivemos. Um aspecto particularmente grave é o que resulta do chamado movimento neo-criacionista ligado com algumas religiões de cariz cristão. Mais grave e perigoso é o movimento auto-apelidado de 'criacionismo científico' que lavra, opera e vai ganhando adeptos em alguns países dos mais avançados principalmente do Novo Mundo. Países votados ao pragmatismo e ao tecnicismo com uma população eminentemente carente duma verdadeira cultura científica constituem pasto fácil para todo o tipo de anti-culturas ampla e perigosamente propaladas em alguns 'media' de fácil acesso a todos nós, como são principalmente os casos da televisão e da Internet. Nesta corrente do neo-criacionismo são com frequência usados argumentos científicos mal assimilados ou artificialmente deformados e descontextualizados em

expedientes que, mostra a História, não resistem por muito tempo aos progressos da própria Ciência. Se a razão e a consciência constituem as expressões mais diferenciadoras do Homem e enaltecidas do génio humano no seio da Criação, parecerá desapropriado tentar usar a razão para negar a própria Razão. Negar para quê? Para defender cegamente interpretações humanas ou sub-humanas dos textos sagrados, certamente limitadoras da verdadeira dimensão dum Criador. Sem necessariamente desacreditar as escrituras, mas pondo eventualmente em causa as interpretações abusivas que delas se fazem, o saber que o evolucionismo tem vindo a acumular exemplifica e oferece irrefutáveis pistas para se entender o Mundo e nele se encontrar a verdadeira dimensão do futuro. Felizmente em Portugal o movimento neo-criacionista não tem expressão visível. Depois de Teilhard de Chardin, honra lhes seja feita, os sectores mais evoluídos e isentos da Igreja Católica têm-se esforçado por acompanhar e compreender o verdadeiro significado e a verdadeira dimensão da 'crise de crescimento' que afecta presentemente a Humanidade em resultado da transformação das sociedades agrárias de há séculos atrás em sociedades de cariz fundamentalmente científico-tecnológico. Porém, embora não renegue o novo conhecimento do mundo em que se vive, globalmente a sua posição tem sido e provavelmente continuará a ser pouco mais do que timidamente expressa. Quando encaradas numa perspectiva evolucionista, as ciências enquadram a vida humana neste universo em mudança em que a nossa presença é profundamente ligada às condições e processos físico-químicos que o caracterizam e condicionada pela natureza e dimensão geo-biológica em que nos desenvolvemos. No quadro do evolucionismo a Ciência melhor ajudará a descobrir o caminho e o papel do nosso desempenho na jornada que nos conduz desde o caos do nosso provir até ao suposto caos do nosso destino. Em nossa própria experiência o tratamento sob uma perspectiva evolucionista torna a ciência mais atraente, mais convincente, mais humana e, portanto, mais socializante, um factor de cultura.

Indiscutíveis na sua beleza, pela mão da ciência as estrelas do céu deixaram de albergar deuses protectores e salvadores para passarem a ser mundos infernalmente quentes em que nem os mais inimagináveis demónios poderiam acolher-se. E a promessa de seres extraterrestres sumamente inteligentes que durante milénios habitaram o nosso imaginário, seres que pudessem um dia vir até nós e salvar-nos, foi-se esvaindo ao mesmo tempo que o século que findou. Ficámos finalmente sós, com nós

próprios, num imenso universo de solidão, à procura dum sentido para o nosso ser e para o nosso estar. Resta-nos certamente dialogar connosco próprios, aprender com as nossas experiências e com o saber arrecadado. Resta-nos aprender onde é possível aprender, nas escolas de todo o tempo e de todos os tempos, porquanto nas famílias já não é fácil perceber tanto saber quanto a ciência vai descobrindo. É, assim, à Escola que está certamente reservada

a função de enfrentar os desafios que hoje se nos põem para uma consciencialização das mudanças que se operam à nossa revelia e para o desenvolvimento de cidadanias críticas e avisadas, preparadas para receberem o futuro de forma esclarecida e operante. Escolas que guiem o cidadão para o caminho certo, ou pelo menos para o melhor caminho, de forma ajustada às realidades que ele tiver de enfrentar na sociedade em que vai ter de viver. Escolas que não tentem competir com os poderosos 'media' de força sempre crescente, mas que procurem viver com eles e deles tirar partido em formas construtivas, avisadas e esclarecidas, encaminhando os futuros cidadãos para a melhor utilização daquilo que nos 'media' é aproveitável entre o muito que poderá ser enganosamente atraente – incluindo o criacionismo. Mas estarão as escolas preparadas para competir com todo o conhecimento desordenado, mesmo caótico que os vindouros cada vez mais encontrarão noutros lugares, os 'media'? Para tanto também as escolas necessitam de se renovar, renovar a todos os níveis, humanizando-se nos saberes, socializando talvez a ciência, tornando-a mais compreensível, mais aliciante, revendo-a numa dimensão mais humana, integrando-a no contexto dos demais saberes, em suma, tornando-a mais cultural. Às universidades caberá o papel, se não o mais importante, pelo menos o de maior dimensão. Actualmente as escolas universitárias tendem a transmitir um saber desumanizado e excessivamente pragmático, excessivamente tecnicista, de grande pobreza cultural e desprovido do sentido verdadeiramente universitário que se esperaria de instituições do seu nível e da sua vocação. Depois de reformadas, as universidades poderão vir a desempenhar um importante papel na formação de professores e numa população animada de novo espírito, desempenhar o papel que delas se espera na renovação do ensino a todos os níveis, reformando finalmente o sentido social do conhecimento científico e preparando o homem para viver em harmonia com o mundo cada vez mais científico e tecnológico que se viverá no dia de amanhã.